

Fundo da nave central do palacio de cristal portuense

PORTO

EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL PORTUGUEZA DE 1865

(Vid. pag. 369 do vol. VIII)

III

NAVE CENTRAL

Apenas se entrava no palacio de cristal attrahiam agradavelmente os olhos dois magnificos productos da industria franceza. Eram dois espelhos, de grandes dimensões, da fabrica de *Saint-Gobain*, encaixilhados em mui ricas e formosas molduras, obra de *Leopoldo Brot*. Estes espelhos, que decoravam a entrada da nave central, foram comprados pelo sr. Antonio Bernardo Ferreira, do Porto.

Proximo do espelho do lado direito figurava dignamente a industria hespanhola na abundante exposição de loiças e porcelanas da fabrica de *E. Pickman & C.ª*, em Sevilha. Defronte exibia a fabrica de *Charles Calebaut* machinas de coser, com os seus respectivos apparelhos para differentes generos de costura, de diversos preços.

Seguiam-se de um e outro lado, além de outros objectos que deixâmos de mencionar, o telegrapho Morse, várias estatuas em marmore de Carrara, diversidade de moveis, e um projecto de monumento ao sr. D. Pedro IV.

O telegrapho é um apparelho da invenção de Morse, modificado e aperfeiçoado pelo sr. Maximiliano Herrmann, discipulo do instituto industrial, inspector das linhas telegraphicas dos caminhos de ferro do norte e léste de Portugal.

As estatuas de differentes tamanhos, sendo algumas de estatura natural, davam uma alta idéa, pela belleza das fórmas e pela perfeição da esculptura, do esplendor em que se acha na Italia este ramo da arte. Estremavam-se de todas, por sua formosura e expressão, as estatuas de *Angelica*, heroina do poema de Ariosto, e de *Mirrha*, a filha incestuosa de Cinyras; a primeira, obra do cinzel de *Pedro Magni*, de Milão; e a segunda, de *P. Miglioretti*, tambem de Milão. Ambas estas bellas estatuas foram compradas por el-rei o sr. D. Luiz I, e adornam actualmente as salas do real paço da Ajuda.

Os moveis, de gosto moderno, ou similhantes aos que se usaram na corte de Luiz XIV, ou imitando os de outras epochas; uns marchetados de metal, ou com delicados e graciosos embutidos de diversas qualidades de madeiras; outros de talha relevada e doirada, ou esculpida em carvalho e conservando a propria

côr; todos, em fim, lindos e riquissimos, testimunhavam o subido grau de perfeição a que tem chegado a marcenaria franceza.

O projecto de monumento de estatua equestre era um dos que vieram de França ao concurso, aberto em Lisboa no anno de 1864, para o monumento que se ha de erigir na praça de D. Pedro ao immortal Libertador. É auctor d'aquelle projecto *mr. Luiz Rochet.*

Depois começava a correr ao longo da nave, de uma e outra parte, essa comprida fileira de grandes armarios envidraçados, de um risco uniforme, adaptados ao uso das exposições, e aos quaes os francezes chamam *vitrines.* N'esses armarios, pois, ostentava a industria fabril muita riqueza e primor em tecidos de seda, veludo, lã e algodão, e em rendas, filós, etc. As fabricas francezas, principalmente as da cidade de Leão, sobrelevavam a todas as outras pelo bom gosto e perfeição dos seus productos. Citaremos d'entre estas a de *Paulo Grand*, que expoz muita variedade de estofos de seda lavrados para moveis e armação de egreja, brocados de oiro e de prata, veludo lavrado, brocatel, damascos, sedas chinezas e setim brochado; a de *Le Mire père et fils*, estofos de seda e oiro para moveis e armações de egreja; a de *Claudio Ponson*, tafetá, setim, veludo, e ricos estofos de seda para vestidos de senhora; a de *Schulz & Beraude*, lindas e primorosas sedas e brocados para vestidos de senhora.

N'este ramo alli figurou a industria nacional de um modo que nos fez honra. Concorreram com os seus productos muitos fabricantes de Lisboa e Porto. Os tecidos de seda para vestidos, paramentos religiosos e obra de malha, da fabrica do sr. *Eduardo Manuel Ramires* e da *viuva Ramires & Filho*, ambas de Lisboa, excitaram a attenção dos curiosos e dos entendedores, não só nacionaes mas até estrangeiros. A alguns d'estes ultimos, que eram agentes ou commissionados de fabricas de seda francezas, ouvimos expressar a sua admiração á vista dos productos d'estas duas fabricas, especialmente com relação a certas peças, dizendo que não julgavam, nem se imagina em França, que este ramo de industria se ache em Portugal em tão lisongeiro estado de desenvolvimento.

Entre os tecidos de lã eram admiraveis as tapeçarias denominadas *de Tourcoing* (logar da fabricação), e os estofos, para moveis e armações, das fabricas de *Bouchart-Florin*, de *Flipo-Flipo*, em Tourcoing (França), e de *Luiz Juigné*, de Paris.

Em rendas, filos, obra de *crochet* mecanico, bordados, etc., brilhavam, sem rivaes, a França, a Belgica e a Suissa. Era um enlêvo ver tão graciosos e delicados productos do trabalho humano.

Para que os nossos leitores que não visitaram a exposição possam fazer uma idéa do primor do trabalho e da riqueza de taes productos, vamos dizer os preços de alguns.

No meio da variada collecção de magnificas rendas de Alençon, Bruxellas e Bayeux, exposta por *Verdé Delisle, frères & C.ª*, de Paris, havia um véo para noiva do custo de 600$000 réis; um leque de rendas do preço de perto de 60$000 réis; e um chale de renda de Bayeux que custava 270$000 réis. *Doguin & C.ª*, tambem de Paris, apresentou a par de soberbas rendas da India e de Chantilly, um manto de corte, feito de renda de oiro, pelo qual pediam 1:200$000 réis. Na exposição das rendas da Belgica via-se uma manufacturada pelas sras. *Delphine Beels & sœurs*, da cidade de Gandia, cujo preço era de 154$000 réis cada metro. E na preciosa collecção de rendas e bordados da Suissa figurava um lenço riquissimo, que seria de mui subido custo se se vendesse, e que o expositor *Adolpho Naef*, do cantão de Saint-Gal, offereceu a sua magestade a rainha, a sra. D. Maria Pia, quando se fez a abertura solemne da exposição.

Na mesma correnteza de armarios viam-se, entre muitos outros artefactos, ricos vestidos para senhora e variados objectos de moda, expostos por modistas de Paris e de Lisboa; luvas, leques, diversidade de librés ornadas esplendidamente, etc.

Seguiam-se aos armarios, na mesma linha, da parte esquerda, as exposições, em fórma de throno, de tecidos de linho e loiças da Belgica, de utensilios de folha de Flandres, e de porcelanas nacionaes. Adiante estendiam-se até quasi ao fim da nave differentes generos de moveis da industria portugueza.

Os tecidos de linho (toalhas de mesa e de mãos, guardanapos, lenços, etc.) da fabrica de *Rey ainé*, de Bruxellas; e as loiças da fabrica de *Roch frères*, de Keramis, perto de Lousiere, attrahiam a attenção sobre tudo pela sua barateza. Tal era esta, e tanto se combinava com a boa qualidade e bom gosto dos productos, que em breve tempo tudo estava vendido. E' é de presumir que se abra em o nosso paiz um mercado vantajoso a esse ramo da industria belga.

As porcelanas nacionaes eram da fabrica da *Vista Alegre*, proximo de Aveiro, fundada pelo fallecido negociante da praça de Lisboa *José Ferreira Pinto Basto*, e hoje pertencente a seus herdeiros, sob a firma de *Ferreira Pinto & Filhos.* É o unico estabelecimento fabril de porcelanas finas que ha no reino, e onde, á custa de extraordinarios sacrificios e de incrivel perseverança, tem conseguido os seus proprietarios seguir de perto as pisadas dos paizes mais adiantados n'este ramo de industria. Viam-se alli numerosas amostras de apparelhos de porcelana, bellos e ricos. Em vasos, principalmente, é que ostentava maior riqueza e mais apurado gosto.

Esta exposição da *Vista Alegre* vê-se representada na gravura a pag. 337 do vol. VIII. Figura alli do lado direito, porque a dita gravura mostra a nave central do palacio de cristal vista do fundo para o lado da entrada.

Entre os moveis de industria nacional, acima mencionados, alguns havia notaveis pelo primor do trabalho e pelo seu alto preço; todavia, como dissemos em outro logar, não representavam bem os progressos que a marcenaria tem feito ultimamente em Lisboa.

Do lado opposto da nave seguiam-se á fileira dos armarios a exposição de productos da fabrica de vidros da *Marinha Grande*, um guarda-vestidos e mais alguns moveis, tambem do paiz, e varios outros objectos. Fundada no terceiro quartel do seculo passado por Williams Steffens, subdito britannico; por este legada ao estado com a obrigação de a ter sempre em laboração; e finalmente dada de arrendamento pelo governo, a fabrica nacional da Marinha Grande tem aperfeiçoado consideravelmente os seus productos, de modo que os cristaes portuguezes não nos envergonharam, antes nos fizeram honra, quando appareceram nas exposições universaes de Londres e de Paris. Na do Porto apresentou aquella fabrica uma variada collecção de productos de vidro ordinario e de côr, e de cristal. Exhibiu algumas peças grandes de vidro de côr, como vasos e candelabros, porém que deixavam muito a desejar quanto á belleza das fórmas.

O guarda-vestidos, feito nas officinas do sr. *Manuel José Corrêa*, de Lisboa, e construido de tacula, jacarandá, camphora e casquinha, com um grande espelho na porta, é um movel tão ornamentado e de tanto trabalho, que pediam por elle 1:000$000 réis, somma na verdade exorbitante. Na mesma gravura, a que acima nos referimos, está representado este custoso artefacto, e junto d'elle uma maquineta, egualmente rica, e do dito auctor.

Detraz de toda essa correnteza de armarios e exposições de loiças, vidros, moveis e mais objectos de que temos fallado, via-se na mesma nave central, de ambos os lados, contiguo aos arcos que a dividem

das naves lateraes, muita quantidade e diversidade de productos expostos por nacionaes e estrangeiros, taes como artefactos de coiro imitando madeira, e de madeira imitando coiro, de Vienna d'Austria; esculpturas em marmore de Carrara, italianas; moveis de luxo e economicos, acharoados, de madeira e de ferro, distinguindo-se entre aquelles os da fabrica de *S. W. Silver & C.ª*, de Londres; fogões de ferro; malas, sellins, arreios e mais obra de selleiro; tecidos de lã, linho e algodão; livros em branco para escripturação, de industria ingleza, etc.

No fundo da nave, junto ao coreto, estavam collocados varios bustos e estatuasinhas de marmore de Carrara, vindas de Italia, e alguns bustos em gesso, de esculptores nacionaes [1].

Sobre o frontal do coreto levantavam-se com galhardia quatro estatuas colossaes, modeladas em gesso, primorosamente, pelo sr. *Victor Bastos*, professor de esculptura da academia real das bellas artes de Lisboa. São modêlos de quatro das oito estatuas de marmore que hão de ornar o monumento erigido a Luiz de Camões na praça de seu proprio nome, em Lisboa. Representam aquelles quatro modêlos, *Fernão Lopes*, primeiro historiador portuguez; *Pedro Nunes*, celebre cosmographo; *João de Barros*, historiador da India, escriptor de estilo aprimorado; e *Jeronymo Corte Real*, um dos nossos mais distinctos poetas. Estas estatuas honram, certamente, o mestre e o paiz; e ao mesmo tempo que enriqueciam a exposição de esculptura portugueza, faziam uma bella e pomposa decoração ao fundo da nave, como se póde julgar á vista da gravura que precede este artigo.

Mais acima, dentro do coreto, avultava, captivando os olhos de quem a contemplava, uma obra de arte de muita excellencia e primor. Era um grande quadro a oleo, representando *S. Remado, bispo de Tongres*, proximo a exhalar o derradeiro suspiro no meio dos religiosos da abbadia de Stavelot, que elle fundára, e que buscára para vir morrer, deixando o seu paço episcopal. O santo prelado recebe o Sagrado Viatico das mãos de S. Theobaldo, que foi o seu successor. É auctor d'esta bella pintura *Joseph Bellemans*, de Antuerpia; e era o seu preço dez mil francos (1:600$000 réis) [2].

Superior ao coreto eleva-se o orgão, indo terminar na grande vidraça semicircular, de vidros córados, que remata a nave central. Este soberbo orgão, cuja perspectiva se vê em a nossa gravura, foi fabricado em Londres por *J. W. Walker*, que o apresentou na exposição universal que se realisou na mesma cidade no anno de 1862, onde obteve premio. Custou uns quatro contos á sociedade do palacio de cristal portuense.

(Continúa) I. de Vilhena Barbosa.

UM AMOR DE PAGEM

(Vid. pag. 3)

II

DE COMO JÁ ANTES DE 1789 EXISTIAM LEIS PERANTE AS QUAES HAVIA EGUALDADE ENTRE OS PAGENS E OS MONARCHAS

No dia 19 de janeiro estavam as margens do Caia, habitualmente solitarias, inundadas de povo e de tropa. Sobre o pequeno rio que serve de fronteira aos dois reinos da peninsula ostentava-se uma ponte magnifica, e no centro d'ella um soberbo palacio onde tremulavam de um lado as quinas portuguezas, do outro os leões de Castella. Até onde a vista podia alcançar, desdobrava-se pela ladeira acima, que vem descendo de Badajoz a terminar no rio, confusa multidão que ondulava como as vagas do mar, para as quaes a custo eram dique as fileiras immoveis de quatro batalhões de infanteria hespanhola, o regimento das guardas wallonas, e os magnificos ginetes andaluzes das guardas do corpo de Filippe v; de quatro regimentos de cavallaria ligeira, e de um regimento de dragões. Saía d'essa multidão um immenso borborinho, reforçado de quando em quando por alguns vigorosos *carambas*, suscitados por um ou outro corcel mais fogoso, que, não podendo ser contido pelo seu cavalleiro na fileira, abria na turba um largo sulco, principiando em upas, galões e corcovos, muito vistosos, é verdade, mas terrivelmente ameaçadores para os calos dos honrados hespanhoes, que miravam descuidados o espectaculo egualmente curioso que a margem portugueza offerecia. Então era uma gritaria confusa de homens e de mulheres, que vinham em caprichosas ondulações parar á beira do rio, d'onde os repellia outro batalhão e uma companhia de granadeiros, que formavam em linha ao longo da corrente. Do lado opposto via-se formado em linha parallela um batalhão de infanteria portugueza e uma companhia de granadeiros, que tinham não menos trabalho, e que ouviam não menos pragas, as quaes, apesar de não serem *carambas*, nem por isso eram menos energicas e populares.

Desde o Caia até Elvas estavam tambem as campinas cobertas de innumero povo que alli concorrêra, como os seus visinhos hespanhoes, para assistir á troca das princezas, que havia de ser effectuada pelos proprios monarchas, D. Filippe e D. João. Dez regimentos de infanteria e seis de cavallaria, debaixo das ordens do conde d'Alva, continham os alemtejanos dentro de certos limites, onde se revolviam insoffridos, a fim de que a comitiva real podesse passar sem impedimento. As côres variegadas do trajar do tempo, que ainda não estava sujeito á monotonia do fato preto; os brilhantes uniformes da tropa, tambem menos severos que o actual, davam a essa chusma, illuminada pelos raios brilhantes do sol claro de um bonito dia de inverno, um aspecto verdadeiramente esplendido. Entre essa multidão que se atropellava, berrava e praguejava, entre as fileiras compactas dos regimentos, chamava a attenção um corpo de cento e cincoenta homens a cavallo, não tanto pelas ricas fardas verdes agaloadas de prata que esses cavalleiros vestiam, como pelo ar de importancia e sobranceria, que todos mais ou menos mostravam, e que excitava os risos da plebe, prompta sempre em apanhar os ridiculos e em os satyrisar. Effectivamente, esses senhores eram couteiros e moços do monte del-rei, e, na sua qualidade de criados da casa, entendiam dever desprezar essa turba que não tinha a honra de se aproximar da pessoa do monarcha, e julgavam ao mesmo tempo que o papel que representavam na ceremonia d'esse dia, lhes cingia as frontes com um reflexo da auréola dos principaes actores. Os comparsas sempre foram assim.

Não era da mesma opinião um dos seus companheiros, que, afastado do corpo principal e proximo das fileiras do batalhão que formava junto do Caia, conversava familiarmente, mas em voz de estentor, ora com os soldados, ora com alguns dignos burguezes de Elvas que o ouviam respeitosamente, e que pareciam devéras compenetrados da honra que este alto personagem lhes fazia.

Dizendo alto personagem, não minto, porque o digno homem era effectivamente um latagão que podia representar o papel de gigante n'alguma das operas do

[1] Não apparecem as estatuasinhas e bustos na gravura, porque o desenho de que esta é cópia foi tirado logo depois da abertura da exposição, antes de serem alli collocados aquelles objectos de arte. No coreto vêem-se ainda os dois pianos que acompanharam o orgão na execução das peças de musica com que foi solemnisada aquella apparatosa inauguração.

[2] Não mostra a gravura este painel, porque ainda alli não estava collocado ao tempo em que se tirou o desenho de que é cópia a mesma gravura.

Antonio José, sem que o publico tivesse razão de queixa. A cara, bronzeada e cortada já por bastantes rugas, ornavam-n'a uns magnificos bigodes, infracção monstruosa dos usos do tempo, que logo revelava o soldado velho que não se podia curvar ás exigencias da corte. Mas a feição proeminente da sua physionomia era um nariz audacioso, que avançava como o gurupez de um navio, e que denunciava, pelo formoso rubor da extremidade, o gosto demasiadamente pronunciado do seu proprietario pelo bom vinho da sua patria.

— Á fé de quem sou! dizia elle retorcendo os bigodes e relanceando um olhar de desprezo para as tropas hespanholas que orlavam a margem fronteira. Braz Mattoso me não chame eu, ponha-me o sr. duque de Cadaval [1], meu amo, fóra da sua casa, e nunca mais leve eu á boca um pichel de çumo de uva, se não é verdade que antes queria atirar com o cavallo para cima das taes guardas wallonas do que estar aqui, como diz o outro, a fazer-lhes assim a modo cortezias, como um mestre de dança nos minuetes. Cá no meu entender, a gente nasceu para dar bordoada nos hespanhoes, e, se o sr. conde d'Alva quizesse ouvir o meu conselho, mettia os regimentos de cavallaria ahi pelo rio dentro, entrava pela ponte a passo de carga com a infanteria, cascava pázada velha nos castelhanos, agarrava no tal Filippe e nos mais que vem com elle, mettia-os na torre, mandava vir o sr. D. Carlos, ferrava com elle em Madrid, como fez o sr. marquez das Minas, e depois que lhe pegassem com um trapo quente. Este é cá o meu plano.

— Mas, sr. Braz Mattoso, acudiu um burguez de Elvas, homem prudente e bem informado; e os tratados?

— Quaes tratados, nem qual diabo, tornava o insoffrido criado do duque de Cadaval, o Filippe é um... espera, Braz Mattoso, como é que dizia o sr. marquez das Minas? é um... um... usurpador! Portanto, leve a breca os tratados! Ah! meus amigos, continuava elle voltando-se para os soldados mais novos, que o escutavam boquiabertos, vossês não sabem, homens, o que é dar uma esfrega! Se estivessem, como eu estive, no ataque de Broças, é que vossês haviam de ver como aquelles meninos que alli estão defronte sabem dar á canella! Parece impossivel! hein? tão quietinhos os vêem! Pois quando lhes dá o cheiro de portuguez, são como os ratos em presentindo o *carocho*, fogem que tem diabo.

Uma gargalhada formidavel acolheu esta fanfarronada, digna, pelo empolado, dos que eram victimas d'ella. Braz Mattoso dignou-se agradecer com um leve sorriso os applausos do seu publico, e, levado pelo enthusiasmo natural aos que se vêem victoriados, ergueu-se nos estribos, retorceu as guias do bigode, e, aproximando-se da corrente do Caia, cuspiu-lhe desdenhosamente nas aguas, como que encarregando o deus fluvial de levar á margem opposta essa especie de cartel, que elle enviava ás guardas wallonas, aos dragões, ás guardas de corpo, e a todo o povo hespanhol em peso, que o honrado sota-cavallariço do duque de Cadaval egualmente desprezava. Depois de apuradas investigações não conseguimos colher mais noticias d'este cuspo provocador, e não podêmos deixar de pensar que as nymphas do Caia, pouco attrahidas pelo nariz pudíco de Braz Mattoso, nem repararam na sua mensagem, e enviaram-n'a ao Guadiana por descuido da posta interna. Graças a esse descuido, livraram-se os castelhanos de serem rasgados de meio a meio pelo braço possante de Braz Mattoso, o qual

Co'um golpe de catana abria um touro,
E co'o resto do golpe a sepultura.

[1] A libré do duque de Cadaval, estribeiro-mór del-rei, era tambem verde agaloada de prata. Por isso o digno Braz Mattoso se não distinguia dos couteiros da casa real.

Os burguezes contemplaram com certo respeito o homem que ousára praticar aquella acção denodada, que podia ser causa do rompimento entre as duas coroas; os soldados riram-se; e um dos elvenses, animado pelo aspecto familiar do veterano, ousou dirigir-lhe a seguinte pergunta:

— Então o sr. Braz Mattoso já se viu frente a frente com aquellas tropas?

— Eu! exclamou o sota-cavallariço com uma gargalhada de escarneo. Braz Mattoso nunca lhes viu senão as costas, homem. Pois vossês julgam que elles eram capazes de encarar um soldado do marquez das Minas, han? Quem ousar sustental-o que o diga em alta voz, porque, pela minha fé, espeto-o na minha espada, como o meu amigo José da Costa, cozinheiro-mór de sua magestade, enfia uma peça de vitella.

O systema dialectico promettido não convidava a continuar a discussão; comtudo, o burguez que pugnava pelos tratados sempre se atreveu a dizer, bem que timidamente:

— E Almanza?

— Almanza! exclamou o honrado Braz Mattoso dando um pulo no sellim, como se o picasse uma vibora, e fazendo-se vermelho como um pimentão, ou antes como a ponta do seu nariz, para não procurarmos comparação fóra da pessoa do nosso heroe. Almanza! a batalha estava ganha se o sr. marquez das Minas se lembra de me apoiar, a mim, Braz Mattoso, que, se recebo reforços, era muito capaz de torcer o pescoço ao duque de *Berlique*.

— De Berwick, tornou o burguez escrupuloso em questões de prosodia.

A ira de Braz Mattoso subiu de ponto.

— Segundo parece, acudiu elle, vossê, só troca-tintas, que nem sabe o que é uma espada, já mais bem informado do que eu das campanhas em que entrei. Se não fosse não querer dar um regalo aos hespanhoes, agarrava-o pelo pescoço e atirava-o ao Caia, para vossê ir dizer aos peixinhos se o homem se chamava Berlique, ou se chamava Berloque.

Isto era proferido com uma formidavel voz de baixo profundo que já começava a attrahir as attenções dos circunstantes, quando resoaram de subito os brados — «El-rei! El-rei!», que fizeram com que todos os olhares convergissem para a estrada de Elvas, ao mesmo tempo que da margem opposta se erguiam brados eguaes, annunciando a aproximação de Filippe v.

(Continúa) M. Pinheiro Chagas.

CARTAS A UMA SENHORA

BREVÍSSIMA DESCRIPÇÃO DO SYSTEMA SOLAR

I

Minha senhora. — Se por noite limpida e serena relancearmos os olhos na amplidão, e attentarmos nos innumeros corpos que povoam e illuminam com os seus raios inconsutis a immensa cúpula que parece encerrar o universo; se examinarmos apenas com olhares de curiosidade, e pouco perspicazes, os mundos que se nos afiguram presos fatalmente na abobada celeste, que abrange, no seu vasto ambito, a immensidade da creação, confundiremos totalmente todos os corpos, e a nossa imaginação, por grande que seja, fica esmagada, perplexa, absorta, perante aquelle chãos apparente, acervo de orbes infinitos, lustre de luzeiros, cujo brilho encontrado torna mais profundo o mysterio que os esconde.

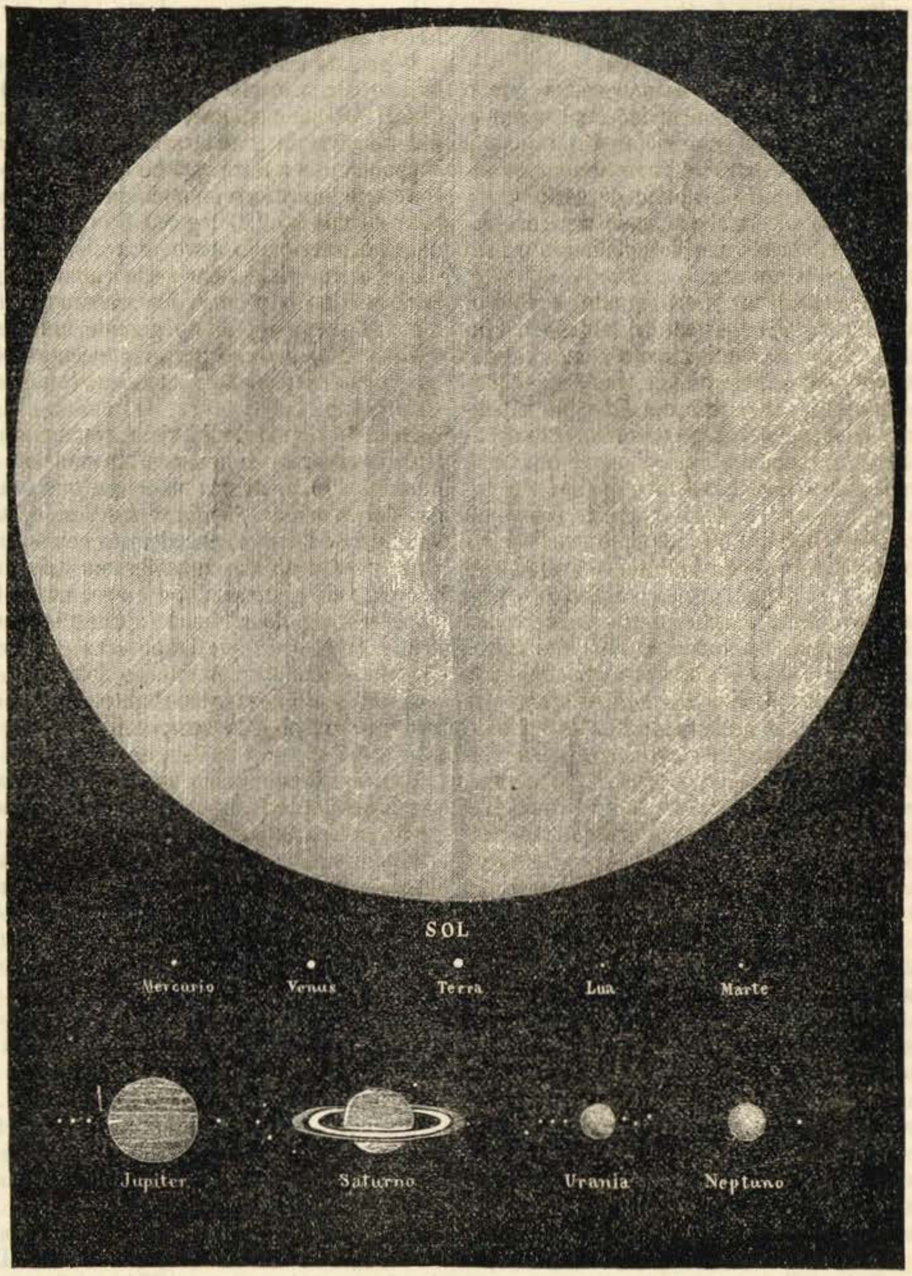
O nosso espanto será tal, que poderemos ajoelhar e adorar o Creador de todas essas grandezas que contemplámos em extasis; mas as faculdades analyticas

refusar-se-hão ao seu mister; a observação parecer-nos-ha impossivel; não nos lembraremos de medir, pesar e descortinar os segredos dos corpos que illuminam as profundezas.

Assim foi que o homem, lançado no immenso theatro do universo, sobre um atomo perdido no infinito, apenas pôde admirar, e esta admiração assimilhou-se antes ao terror religioso que o mysterio infunde sempre na imaginação viva dos povos rudes.

O espectaculo, porém, com ser grandioso, repetia-se continuamente, e o homem, de natureza irrequieto e observador, começou de contemplar com mais perspicacia o panorama celeste.

Viu então, pelos olhos dos pastores chaldeus, que entre os orbes que povoam o espaço, ha uns, posto que poucos, que se movem e mudam de posição assim absoluta como relativa, a tempo que outros, quasi todos, mantem posições fixas e determinadas. Uns e outros parecia moverem-se na abobada celeste de oriente para occidente. Aos primeiros coube o nome de planetas (astros moveis); aos segundos o de fixos, segundo a philosophia aristotelica. A terra era a um tempo centro do movimento geral diurno, que se effeituava durante vinte e quatro horas, e do movimento annuo particular dos planetas. Ptolomeu foi o astronomo mais illustre d'esta eschola, e creou o phantastico systema dos cyclos e epicyclos, que brevemente hei de expor a v. exc. A par da eschola de Aristoteles ergueu-se outra na velha Grecia, fundada por Pythagoras, genio vastissimo e perspicaz, iniciador de grandes e fecundas idéas, que transformaram a sciencia, quando seguidas por Newton, Leibnitz, Kepler, Galileu, Huyghens e Laplace.



Grandezas comparadas dos planetas e satellites

A eschola pythagorica ensinava o duplo movimento da terra, já em volta de si mesma, já em torno do sol, centro dos planetas.

Não é, porém, agora occasião propicia para fazer a succinta historia da lucta entre as duas escholas.

Falta-me espaço e tempo, e nem essa historia teria cabida aqui. Ficará para outra carta a descripção d'essa lucta travada entre o erro e a verdade, d'esse pleito gigantêo, que durou seculos e atravessou as edades.

Por ora limitar-me-hei a dizer, que tanto os aristotelicos como os pythagoricos admittiam a existencia do systema solar, formado pelo conjuncto dos planetas e seus satellites.

Da mesma fórma que a sábia marqueza dizia a Fontenelle — *J'aime l'ordre, et vous me faites plaisir d'arranger mes idées*, assim tambem v. exc. me ordenou que lhe descrevesse succintamente o systema solar.

Obedecendo, como sempre, ás ordens de quem póde mandar, as fallencias ponho-as já á conta de v. exc., que não consulta as minhas forças.

II

Estabelecendo como verdade incontroversa que o sol é o centro do systema planetario; lembrando-se v. exc. das idéas cosmogonicas que apresentei quando lhe escrevi ácerca dos cometas; e guardando para outra occasião a demonstração historica de certos principios, que é forçoso acceitar sem mais reparo, descrevamos rapidamente cada um dos planetas, e bem assim as suas relações mutuas.

Comecemos pelo sol, por esse gigante luminoso, origem da vida, porque intervem de um modo proximo ou remoto, directo ou indirecto, em todas as manifestações vitaes de todos os planetas [1].

O astro brilhante do dia, como lhe chamam os poetas; o luzeiro planetario; o foco perenne de luz e calor que espalha em ondas na immensidade; o planeta Pygmalião, que dá vida e anima os mundos; o renovador da juventude dos orbes que o cercam e seguem perpetuamente no seu radioso caminhar pelo espaço; o sol, em fim, é o astro-rei, e reside no centro do systema. Com ser foco de luz, é por ora um mysterio para a sciencia, que mal póde conjecturar ácerca da sua constituição physica. Debalde se esforçam astronomos e philosophos; debalde assentam theorias vãs e inuteis, desde Anaximandro e Mileto, discipulo de Thales, até Kirchoff, companheiro de Bunsen. É tudo inutil. O sol é ainda um mysterio radioso. Ha só conjecturas, o que é pouco, o que é nada. Amontoam-se hypotheses mais ou menos racionaes; mas com ellas não dá a sciencia um passo, e a verdade fica eternamente no poço.

Os trabalhos dos astronomos e physicos do seculo passado e do nosso estão-nos induzindo a crer que o sol é um globo obscuro como o dos outros planetas, cercado de duas atmospheras principaes. A exterior é, segundo esta theoria, a origem da luz e calor; e a interior tem por encargo o reflectir para o espaço circunstante essa luz e calor, e resguardar a superficie solida do planeta. É claro que, sendo verdadeira esta theoria (o que não se póde affirmar de modo algum), o sol tornava-se habitavel. Assim o acreditavam sir William Herschell, e o seu não menos illustre filho sir John Herschell, Arago, Humboldt e tantos outros.

O sr. Kirchoff, porém, physico allemão, professor da universidade de Heidelberg, companheiro de Bunsen, para si tem, porventura com somenos razão, que o globo solar é incandescente, e é rodeado de uma atmosphera tambem luminosa [2].

Como quer que seja, a sciencia não se adianta com estas hypotheses, que são meramente gratuitas.

O genio tem ás vezes revelações subitas e luminosas, que, com quanto fiquem ignoradas nos primeiros tempos, são depois a admiração da posteridade, que se encarrega de as justificar plenamente.

Kepler, que já havia dito que abundavam cometas no ceo como peixes no mar, exclamou em um momento de inspiração: «O sol é um magnete gigante, que sustenta pelas leis da attracção todos os mundos que compõem o grupo cosmico a que preside.»

E de feito, a sciencia moderna mostrou a verdade d'esta sentença. O sol é um magnete, não só porque sustenta os mundos, senão tambem porque é origem da electricidade, d'esse elemento singular, inclassificavel, que representa papel tão eminente no jogo das forças activas da creação [1].

O grande orbe solar é, pouco mais ou menos, um milhão e quatrocentas mil vezes maior do que a terra (1.407:187). Se v. exc. quizer uma imagem material das relações da grandeza entre o sol, a terra e a lua, supponha que a terra está no interior do sol, da mesma sorte que um caroço no meio de um fructo; a lua (afastada de nós 96:723 legoas) ficaria ainda comprehendida no interior do astro, e a distancia do nosso satellite á superficie solar seria egual a 80:000 legoas. Por este modo póde v. exc. comparar facilmente as dimensões grandiosas do gigante luminoso.

Este astro pesa só por si setecentas vezes mais do que todos os planetas, satellites, cometas e asteroides sommados.

Desde o tempo de Fabricio, contemporaneo de Galileu, observaram-se umas certas manchas na superficie luminosa do sol. Estas manchas, que foram classificadas em *maculas*, *fáculas* e *lúculas*, e que é impossivel descrever agora, excedem ás vezes a área da terra.

A observação das maculas mostrou que o sol gira em volta de si mesmo, ou antes, em volta do centro de gravidade do systema [2]; este movimento, porém, é mui diverso do que se observa na terra e em todos os outros planetas. A rotação solar não produz a alternação successiva e constante de dias e noites, por isso que o sol está sempre illuminado em todos os seus pontos.

Em uma das minhas precedentes cartas ácerca dos aerolithos fallei eu a v. exc. das diversas theorias que se hão aventado sobre as causas do calor e luz do sol.

Esta quantidade não póde ser medida, e o agente que a engendra é desconhecido. Consumir-se-ha o foco com o correr dos seculos, como diz Ossian em uma das suas baladas scandinavas? Encontrará o sol no seu proprio seio alimento para a enorme combustão? Fará antes, como os corpos organisados, reparando as forças perdidas? Nada se sabe; apenas se conjectura.

Mas o que é certo é que a distancia que nos separa do sol é tal, que só uma mudança immensa de intensidade se tornaria sensivel na terra.

Se, por exemplo, a diminuição diametral diaria do sol fosse egual a um metro, fôra necessario que decorressem dez mil annos para que o diametro apparente do sol diminuisse sensivelmente.

E comtudo, apesar da distancia, que prodigiosa quantidade de calor fecunda e anima a terra! Diz Pouillet [3], depois de curiosas experiencias: «Se a quantidade de calor que a terra recebe por dia fosse distribuida uniformemente em todos os seus pontos, e empregada sómente em derreter gelo, seria capaz de fundir uma camada de neve que porventura envolvesse a terra inteira, de $30^{m},89$ ou perto de 31^{m} de espessura.»

Tal o esboço rapido do sol que ouso apresentar a v. exc. Quizera eu dizer-lhe, em synthese breve, a

1 Vid. o bello livro, tantas vezes citado: *O calor considerado como origem do movimento*, pelo sabio physico inglez Tyndall.

2 Hoje que a *analyse spectral* assumiu o verdadeiro logar que lhe competia; hoje que as estranhezas e esplendores da *novidade* foram desapparecendo, é permittido desconfiar da theoria de Kirchoff. Funda-se ella não só em observações que não podem ser rigorosas, porque os raios solares antes de entrar no *spectroscopio* atravessam a atmosphera, senão tambem na egualdade das substancias elementares que compõem os planetas. A'cerca da theoria solar, veja-se uma memoria publicada ha poucos mezes pelo sr. Faye nos *Comptes-Rendus*, na qual vem compendiadas e analysadas as ultimas observações e theorias sobre a constituição do sol. Na opinião do sr. Faye, o sol é apenas uma esphera gazosa.

1 Vid. Sabine, *Proceedings of the British Association; The Sun and the Earth*, por Airy; e *Lettre sur l'action magnétique du soleil*, pelo sr. Nickès, professor da faculdade das sciencias de Nancy.

2 O centro de gravidade, ou ponto mathematico por onde passa o resultante de todas as acções mutuas dos planetas, não cae no centro do sol. Este ponto é mobil, e tem um movimento de translação para a constellação do Hercules. O nosso systema vae-se movendo, pois, no espaço uniforme e indefinidamente.

3 Pouillet, *Physique expérimentale*, tom. II, pag. 604.

influencia permanente e contínua do sol. Podéra então mostrar-lhe coisas de que v. exc. não suspeita, como, por exemplo, que todos os seus innumeros encantos, e até as lagrimas que derrama em silencio depois do baile, são obra do sol; porque a vida terrestre não é senão a actividade do sol transportada para a terra. E outras coisas mais lhe apresentaria, com que havia de ficar absorta e admirada. Quero, porém, restringir-me. Para outra vez lhe mostrarei a *lanterna magica* do universo, quando fizer a monographia do sol.

(Continúa) A. OSORIO DE VASCONCELLOS.

OS EDITORES ANTES DA INVENÇÃO DA IMPRENSA

TRADUCÇÃO DO JORNAL LITTERARIO INGLEZ «THE CORNHILL MAGAZINE»

(Conclusão. Vid. pag. 6)

Observa-se nas nossas classes mais laboriosas, e que vivem só do seu trabalho, um desejo vehemente de saber as novidades litterarias; mas este desejo no povo de Roma chegava a ponto de ser um emprego, nas lojas de livros, nos banhos, ora lendo, ora escutando. Vemol-os até na hora da refeição, ouvindo o que estão a ler os escravos, ou reclinados sobre o triclinio com rôlos de papyro nas mãos. As mulheres de então tinham tão presente a litteratura do dia, como as nossas damas da alta sociedade que tem assignatura nos gabinetes de livros. Parece-nos sentir por toda a parte o cheiro do pergaminho e do papyro!

Tinha, sem dúvida, o povo romano gosto pelas bellas letras, e até havia gazetas, apesar de se não ter ainda inventado a imprensa. O que continham estas gazetas não o sei eu dizer, mas Tacito escreve que nas provincias e nos campos esses papeis eram lidos com muita avidez, e que toda a gente estava muito anciosa por saber o que não teria feito Thraseas [1], do mesmo modo que nos nossos dias andam todos curiosos de ouvir o que disse Napoleão III.

A existencia de varios editores bem conhecidos prova o movimento do commercio de livros. Dionysio de Halicarnasso falla de *milhares de escriptores* sómente a respeito da primitiva historia de Roma, e ainda que é evidentemente hyperbolica esta sua phrase — μυρίων ἄλλων —, todavia, indica a existencia de um grande numero de escriptores. Onde não ha exaggeração, mas antes uma noticia que se tem por exacta, é em serem dois mil os exemplares dos livros pseudo-sibyllinos que Augusto confiscou, só em Roma. Ainda outro facto relativo a este ponto: Plinio escreve a um amigo, dizendo-lhe, em ar de graça, que se metteu na cabeça de Regulo chorar, por ostentação, a perda de seu filho; ninguem chora como elle — *luget ut nemo*. «Faz trabalhar esculptores e pintores, e compõe uma oração, que não se contenta de a ir recitar publicamente em Roma, mas tenciona enriquecer as provincias com mil cópias d'ella — *in exemplaria transcriptum mille* [2].»

Os livros das escholas são tambem um assumpto importante de investigações que não se deve desprezar. Quando Juvenal nos diz que *o menino se levanta para repetir os versos que acabou de decorar sobre o banco*, é porque havia livros de eschola; sendo para notar que alli se estudavam os poetas populares, coisa que todos elles ambicionavam, como vemos em Persio; e Nero, que tinha muita vaidade litteraria, dava ordens expressas para os seus versos se darem a ler ás crianças.

Mas talvez que o argumento mais forte a favor d'esta actividade seja o de formarem as bibliothecas uma parte essencial de todas as casas de Roma, o que, em verdade, está muito longe de se verificar nas dos nossos dias, até entre as classes mais abastadas. É provavel que n'isto entrasse em grande parte a moda, e que os livros fossem considerados como um objecto de luxo. Seneca zombou da mania geral de fazer collecções de livros nas pessoas que nem os seus proprios bens conheciam! Mas a moda — não fallando já n'algum amador apaixonado — mostra que os livros eram um elemento importante da vida romana. Só o facto de haver em todas as familias distinctas escravos incumbidos de recitarem, copiarem e cuidarem dos livros, prova o logar eminente que a litteratura occupava em Roma.

O preço dos livros confirma isto mesmo. Se fossem caros deviam ser raros, mas sendo baratos tornar-se-hiam vulgares. Assim, por um lado, a certeza que temos de haver muitos livros induz a crer na sua barateza; e por outro lado, admittida esta, segue-se que os havia em grande numero. Um sabio escriptor francez [1] que estudou esta materia, chegou a concluir que os preços eram mais baixos que os dos nossos dias. Ouçamos o que diz Marcial. O livro primeiro dos seus *Epigrammas*, com uma bonita encadernação, vendia-se por 5 dinheiros (pouco mais ou menos 720 réis); e na edição popular, encadernados ligeiramente, custava de 6 até 10 sestercios (240 até 360 réis); o preço do seu livro decimo terceiro era de 4 sestercios (160 réis aproximadamente); e diz elle que dava bons interesses a venda por metade d'aquella quantia:

Omnis in hoc gracili xeniorum turba libello
Constabit nummis quatuor emta tibi,
Quatuor est nimium, poterit constare duobus,
Et faciet lucrum bibliopola Tryphon [2].

Se o editor Triphão ganhava cento por cento, vendendo a 360 réis cada exemplar encadernado dos poemas de um auctor de fama, devia ser, na verdade, bem diminuto o custo da producção. E os sabidos versos de Horacio, que dizem que um poema applaudido, e cujo renome chegue até além dos mares, dá tanto dinheiro a quem o editou como gloria a quem o fez, indicam que devia ser muito consideravel o numero de exemplares que se vendia.

O leitor, sem dúvida, concluirá d'aqui, que, se n'aquelles tempos os livros eram baratos, a razão não póde ser outra senão a de os auctores não venderem a propriedade das suas obras. Mas não era assim. Longe de mim affirmar, ou pelo menos insinuar, que elles recebessem as sommas importantes que os nossos generosos editores dão na actualidade aos escriptores de maior tomo e conceito. Horacio nunca recebeu uma moeda por cada verso das suas odes, nem Petronio vendeu o seu romance por setenta e dois contos de réis. Tito Livio não foi, de certo, tão bem remunerado como lord Macaulay. Não obstante, os auctores vendiam a propriedade dos seus livros, e recebiam por elles quantias superiores ás que por muito tempo foram usuaes antes da invenção da imprensa. É muito provavel que então, como hoje, se publicassem muitos livros á custa dos auctores, umas vezes porque estes eram ricos e escreviam sómente por amor da gloria, o que concorria, por consequencia, para elles se venderem mais baratos; e outras vezes porque o seu merecimento dava pouca esperança de interesse. Mas desde que a publicação dos livros se tornou uma especulação commercial, e os editores começaram a disputar com rivalidade as honras e os lucros provenientes de darem á luz obras novas, claro é que os auctores haviam de conhecer a importancia dos seus manuscriptos. O proprio Marcial confessa a ambição com que os vendia, e que tambem era impellido pela fome e perseguido por seus amigos. Ape-

[1] Tacit. *Ann.* XVI. 22: *Curatius leguntur ut noscatur quid Thraseas non fecerit.*
[2] Plin. *Epist.* IV. 6.

[1] Geraud. *Essai sur les livres dans l'antiquité*, pag. 180.
[2] *Epig.* XIII. 3.

nas terminava um livro, recebia logo o seu *honorarium*. Queixa-se elle da sua pobreza, e com mágoa diz que, com quanto os seus livros sejam lidos até nas ilhas Britannicas, todavia nenhum proveito d'ahi tira! Bem antiga é esta lamentação da pobreza dos poetas [1], que nem a descoberta da imprensa pôde mitigar! Calcula-se em 900$000 réis o que Marcial recebeu pelos seus *Epigrammas*, somma insignificante, e que de modo algum podia diminuir o seu pezar de não ser devidamente remunerado. Porém Milton e Spenser julgariam esta quantia muito avultada se lh'a tivessem offerecido pelo *Paradise Lost* ou pela *Fairy Queen!* Na verdade, muitos poetas e outros auctores, depois da invenção da imprensa, contentavam-se de publicar as suas obras recebendo apenas pelo manuscripto alguns exemplares de presente. A este proposito resente-se Marcial da impudencia com que pessoas de suas relações, só para não dispenderem o valor do preço que custavam os seus livros, lh'os pediam, e da offensa que depois lhe faziam, vendendo o mesmo exemplar que tinham pedido.

Se por um lado temos a certeza do gosto universal que houve pela leitura, e da immensa publicidade que tiveram os escriptos dos auctores de fama; e por outro lado do grande movimento das publicações que d'ahi provinha, e não menos da extraordinaria barateza dos livros, resta saber agora como era isto possivel antes da invenção da imprensa, que nos parece ser o unico meio de o alcançar? E como os livros eram muitos e baratos na capital do mundo, nenhum parallelismo se póde, com effeito, estabelecer entre o estado de coisas em Roma, e na edade média. Qual é, pois, a causa d'esta differença? O trabalho dos escravos. Havia em Roma centenares, senão milhares, de escravos empregados em copiar, e este mister na edade média era feito apenas por monges e copistas. O trabalho dos escravos era não sómente abundante, mas barato; e o copiar, na edade média, não era uma occupação vulgar, e o trabalho era caro. Podêmos dizer que nas casas de Roma a cozinha ou o quarto de vestir eram quasi tão indispensaveis como os recitadores *(anagnostæ)* e os copistas *(librarii)*. Até as damas tinham as suas copistas *(librariæ)*. Estes escravos não só escreviam o que lhes dictavam, mas tambem o que seus senhores lhes ordenavam que copiassem, quer fosse um livro que ainda se não tivesse posto á venda, quer fosse alguma obra que não se encontrava nas lojas de livros, e era por isso considerada rara.

Era d'este modo que no principio cada um formava a sua livraria. Mas, pouco a pouco, a tendencia natural para a divisão do trabalho e para a especialidade das occupações fez apparecer a classe dos editores. Attico, homem de gosto apurado, e escriptor cuja actividade intellectual não era inferior ao giro do commercio, teve n'estas circunstancias uma monção muito favoravel para applicar a primeira e desenvolver o segundo, apromptando cópias em grande escala. Para este fim tinha elle escravos especialmente destinados, e empregando ao mesmo tempo um grande numero de copistas, multiplicava os originaes quasi tão depressa como o exigiam as encommendas que lhe faziam, e vendia-os por um preço tão commodo, que toda a gente preferia comprar-lh'os a elle a mandal-os copiar por seus proprios escravos. Attico apromptava estas cópias com muita rapidez, e vendia-as baratissimas e nitidas. Uma empreza tão feliz não podia deixar de ter imitadores, e d'este modo tornaram-se as letras um ramo de industria. Roma viu logo abrir em todos os seus bairros muitas lojas de livros, e os annuncios das obras novas adornavam as suas columnatas. Os auctores favoritos do publico, como se lê em Plinio e Quintiliano, viam-se perseguidos pelos editores, ávidos de alcançarem a obra *tanto e tão geralmente desejada por todos*. Esta avidez era frequentes vezes punida; a Nemesis de um numeroso «deposito» colhia, por vezes, os especuladores imprudentes. Comtudo, havia as provincias, para onde se enviavam os exemplares das obras que não tinham venda em Roma, e quando tambem as provincias os não queriam, havia sempre o recurso de que fallam Horacio e Marcial: a venda para embrulho de generos e especiarias!

[1] *Quare, ergo, inquam, tam male vestitus es? Propter hoc ipsum, ait; amor ingenii neminem unquam divitem fecit.* Petronius, *Satyricon.*

Sendo tão abundante o trabalho dos escravos, não havia necessidade da imprensa; dictando um a cem copistas ao mesmo tempo, a producção de uma numerosa edição devia custar menos e levar menos tempo do que é necessario nas nossas typographias. O systema das abreviaturas facilitava muito a rapidez das cópias, da qual podêmos fazer idéa pelo testimunho de Marcial, que nos certifica não ser preciso mais de uma hora para copiar todo o livro segundo dos *Epigrammas:*

Hæc una peragit librarius hora [1].

Este livro contem 540 versos, e, tomando á letra a expressão *uma hora*, vem a corresponder a 9 versos por minuto. Isto talvez não possa ser admittido senão com muita reserva. Mas dando o devido desconto a esse modo de fallar, é claro que as cópias se faziam com muita brevidade. D'est'arte poderia acabar-se n'um dia, se tanto fosse preciso, a edição de 1:000 exemplares d'aquella obra.

Queixam-se muito os auctores dos erros que appareciam n'estes livros, o que era de esperar do modo por que eram feitos, dictando um e copiando outros. D'ahi provém as lacunas nos textos antigos, que tanto tem dado que fazer aos commentadores. É provavel que tivessem sido mais judiciosas as correcções dos criticos, se estes comprehendessem bem quanto os manuscriptos foram expostos á adulteração que resulta de não ser muitas vezes bem percebida a leitura dos originaes, aggravada ainda pela circunstancia de terem sido copiados nos ultimos tempos por quem aos erros da vista reuniria os do ouvido. É, sem dúvida, oriunda d'esta ultima causa o erro engraçado que vou mencionar antes de concluir, e que appareceu em todas as edições de Pausanias, até que Dindorf o corrigiu. Fizeram dizer a Pausanias que a mãe de Sibylla era uma deusa, mas que seu pae *comia baléas*: πατρὸς δὲ κητοφάγοιο. Poucos se importaram de saber o que significava esta notavel qualidade do pae de Sibylla! Dindorf, porém, vendo que havia uma antithese entre mãe e pae, a saber entre deusa e alguma outra coisa, e não reconhecendo essa antithese n'aquella qualidade de comer baléas, aventou que a antithese de *deusa* era *mortal*, e que os mortaes não comem baléas, mas comem pão, coisa que não fazem os deuses, como diz Homero. Dindorf emendou aquella phrase assim: δὲ σιτοφάγοιο, ficando então intelligivel o logar de Pausanias.

ALBERTO TELLES.

ORIGINAES DE VICTOR HUGO

Conta-se que o celebre Victor Hugo não dá manuscripto de sua mão aos impressores. Manda copiar por sua mulher ou por sua filha os autographos, e conserva-os. Deve ser preciosissima a collecção em que se encontram os autographos dos *Misérables*, das *Chansons des rues et des bois*, dos *Travailleurs de la mer*, e de outros livros tão afamados como estes.

O grande poeta só não procede assim com alguns versos, que escreve a lapis em um album, cujas paginas arranca para dar á imprensa; mas, apesar d'isso, não se esquece de recommendar o original ao cuidado dos typographos.

[1] *Epig.* II. I.